



ARTIGO
DOI: 10.5216/rppoi.v21.74645
EDUCAÇÃO

**A REPRESENTAÇÃO DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO CONTO
“CONSPIRAÇÃO”, DE MOACYR SCLIAR**

**THE REPRESENTATION OF THE TEACHER-STUDENT RELATIONSHIP
IN THE SHORT STORY "CONSPIRACY", BY MOACYR SCLIAR**

**LA REPRESENTACIÓN DE LA RELACIÓN PROFESOR-ALUMNO EN EL
CUENTO "CONSPIRACIÓN" DE MOACYR SCLIAR**

Fernanda Maria Diniz da Silva¹ - <https://orcid.org/0000-0002-3958-3077>

Resumo

Este artigo tem como objetivo estudar a relação professor-aluno representada no conto “Conspiração”, de Moacyr Scliar. Tendo como metodologia a pesquisa bibliográfica, trabalharemos na perspectiva dialética entre forma literária e processo social como meio de encontrar os aspectos constitutivos da educação, na sociedade brasileira. Assim, a Literatura é encarada como arte e fonte histórica. Para o desenvolvimento desse trabalho, utilizaremos como fundamentação as contribuições de estudiosos como: Candido, Saviani, Libâneo e Ricouer. É possível afirmar que, sendo a obra literária um objeto social, há nela muitas declarações sobre a sociedade de um tempo. O homem, enquanto ser naturalmente social e histórico, ao produzir arte, acaba por traduzir a forma de pensar e de agir de uma época, consentindo, desse modo, que a Literatura represente uma fonte relevante de pesquisa. Nessa perspectiva, este artigo promoverá a reflexão acerca do fazer docente e de suas práticas por meio da ficção.

Palavras-chave: Educação. Docência. Literatura.

Abstract

This article aims to study the teacher-student relationship in “Conspiração”, by Moacyr Scliar. Using bibliographical research as a methodology, we will work on the dialectic perspective between literary form and social process as a means of finding the constitutive aspects of education, in Brazilian society, organized in the fabric of the short story. Thus, Literature is seen as art and historical source. For the development of

¹Professora efetiva da Rede Estadual de Ensino do Estado do Ceará e Psicanalista. Pós-doutoranda em Letras (UFC). Pós-doutora em Educação (UFC). Doutora, Mestra e Graduada em Letras (UFC). Possui MBA em Docência e Metodologia do Ensino Superior (FACPED) e Especialização em Coordenação e Gestão Escolar (FDR). E-mail: fernandamdsilva@hotmail.com; prof.fernandadiniz@gmail.com

this work, we will use as a foundation the contributions of scholars such as: Candido, Saviani, Libâneo and Ricouer. It is possible to state that, as the literary work is a social object, it contains many declarations about the society of a time. Man, as a naturally social and historical being, when producing art, ends up translating the way of thinking and acting of a time, thus allowing Literature to represent a relevant source of research. From this perspective, this article will promote reflection about teaching and its practices through fiction.

Keywords: Education. Teaching. Literature.

Resumen

El objetivo de este artículo es estudiar la relación profesor-alumno representada en el cuento "Conspiración" de Moacyr Scliar. Utilizando la investigación bibliográfica como metodología, trabajaremos desde la perspectiva dialéctica entre forma literaria y proceso social como medio para encontrar los aspectos constitutivos de la educación en la sociedad brasileña. Así, la literatura es vista como arte y fuente histórica. Para desarrollar este trabajo, tomaremos como base las contribuciones de estudiosos como Candido, Saviani, Libâneo y Ricouer. Es posible afirmar que, como las obras literarias son objetos sociales, contienen muchas afirmaciones sobre la sociedad de una época. El hombre, como ser naturalmente social e histórico, al producir arte, acaba traduciendo la forma de pensar y actuar de una época, permitiendo así que la Literatura represente una fuente relevante de investigación. Desde esta perspectiva, este artículo promoverá la reflexión sobre la enseñanza y sus prácticas a través de la ficción.

Palabras clave: Educación. Enseñanza. Literatura

Data de submissão: 01/09/2023

Data de aceite: 01/10/2023

Introdução²

A proposta deste artigo é que, por meio da Literatura, sejam realizados estudo e reflexão acerca da educação, tendo como foco a representação, no texto ficcional, de aspectos relacionados às práticas pedagógicas, principalmente no tocante à relação professor-aluno.

Para tanto, focalizaremos o conto "Conspiração", de Moacyr Scliar, que faz parte do livro *Contos reunidos*, publicado em 1995.

No conto "Conspiração", um garoto, Francisco Pedro, tem de escrever uma redação na aula de Português, em que dona Marta, a professora de canto, está como substituta. Alvo de piadas, ela não é muito admirada pelos alunos. Francisco Pedro elabora uma narrativa em que pessoas num país distante lutam contra uma ditadura de cegos. Sendo escolhido para ler sua redação em voz alta, o aluno não pode revelar à professora substituta o que de fato escrevera. Resolve, então, inventar. Improvisa a narrativa de um passeio pelo campo, emocionando a professora. Em seguida, para impedir que ela leve sua redação para casa, ele faz algo que a magoa profundamente.

² Em 2021, publiquei, junto com o prof. Dr. Francisco Ari de Andrade, o artigo intitulado "A obra literária como fonte na pesquisa educacional: Um estudo sobre a educação brasileira na segunda metade do século XIX", cuja metodologia e fundamentação teórica são utilizadas neste texto que analisa a representação de diferentes práticas pedagógicas no conto "Conspiração", de Moacyr Scliar. (ANDRADE, Francisco Ari de; SILVA, Fernanda Maria Diniz da. A obra literária como fonte na pesquisa educacional: Um estudo sobre a educação brasileira na segunda metade do século XIX. *Research, Society and Development*, v. 10, p. e57810817613-13, 2021).

Com o fim, percebemos o quanto a relação professor-aluno é determinante para o contexto efetivo de ensino-aprendizagem.

Moacyr Slicar nasceu em Porto Alegre, em 1937. Autor de mais de setenta livros em diferentes gêneros: romance, crônica, conto, ensaio, dentre outros. Suas obras foram publicadas em mais de vinte países, com grande repercussão crítica. Recebeu numerosos prêmios, como o Jabuti (1988, 1993 e 2000), o APCA (1989) e o Casa de las Américas (1989). Foi colaborador em vários órgãos da imprensa no país e no exterior. Teve seus textos adaptados para cinema, teatro, televisão e rádio, inclusive no exterior. Foi médico e membro da Academia Brasileira de Letras, Morreu em março de 2011.

A partir do conto escolhido, é possível analisar o trabalho docente, tendo em vista o estudo da relação professor-aluno e suas questões como: afetividade e respeito. Conforme Libâneo:

O trabalho docente é parte integrante do processo educativo mais global pelo qual os membros da sociedade são preparados para a participação na vida social. A educação, ou seja, a prática educativa, é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. (1994, p. 16).

Dessa maneira, este texto visa estudar a representação das práticas pedagógicas, enquanto fenômeno social, a partir de uma concepção de Literatura voltada à arte e à fonte histórica.

É importante destacar que o texto ficcional se constitui como uma importante fonte de pesquisa, tendo em vista que:

Diferentemente dos discursos religiosos, morais ou políticos, a literatura não formula um sistema de preceitos; por essa razão, escapa às censuras que se exercem sobre as teses formuladas de forma literal. As verdades desagradáveis – tanto para o gênero humano ao qual pertencemos quanto para nós mesmos –

têm mais chances de ganhar voz e ser ouvidas numa obra literária do que numa obra filosófica ou científica (Todorov, 2010, p. 80).

Afinal, a Literatura, longe de ser apenas um texto de entretenimento, “confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (Candido, 2004, p. 175).

Segundo Compagnon:

A literatura, exprimindo a exceção, oferece um conhecimento diferente do conhecimento erudito, porém mais capaz de esclarecer os comportamentos e as motivações humanas. Ela pensa, mas não como a ciência ou a filosofia. Seu pensamento é heurístico (ela jamais cessa de procurar), não algorítmico: ela procede tateando, sem cálculo, pela intuição, com faro (Compagnon, 2009, p. 51).

Diferentemente dos manuais teóricos, o texto ficcional pode proporcionar uma reflexão abrangente sobre a educação a partir do trabalho desenvolvido por diversos escritores a partir de personagens, cenários e comportamentos cujas construções contribuem com o estudo docente e com os estudos acerca da didática de forma analítica e reflexiva.

Salienta-se também que este artigo é de cunho interdisciplinar, uma vez Literatura e Educação se aliam para contribuir com a investigação sobre teorias e práticas do ensino. Além disso, este artigo traz contribuições da História, principalmente no que diz respeito à abrangência da História Cultural. De acordo com Pesavento:

A Literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. Porque se

fala disto e não daquilo em um texto? O que é recorrente em uma época, o que escandaliza, o que emociona, o que é aceito socialmente e o que é condenado ou proibido? Para além das disposições legais ou de códigos de etiquetas de uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma (2003, p. 82-83).

Dessa maneira, a arte literária é resultado de uma determinada época e por isso reflete as características sociais e culturais do momento histórico em que os autores se inserem. Configura-se, pois, como uma rica fonte de estudo para a História e para a Educação.

Este trabalho expande, portanto, seu olhar para o estudo da realidade do momento histórico no qual a obra literária foi produzida, uma vez que, conforme explica Antonio Candido, é importante no estudo literário “averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto de ela poder ser estudada em si mesma; e como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce” (Candido, 2006, p. 9).

Desse modo, este artigo busca incentivar a reflexão acerca dos dilemas educacionais presentes na Literatura, encarando o texto ficcional “na condição de entidade mediadora, isto é, valendo não por si (ou não apenas em si), mas enquanto domínio de projeção do espaço social que o engloba” (Reis, 1983, p. 290).

O conceito de representação aqui trabalhado se fundamenta nas pesquisas desenvolvidas por Pesavento. A estudiosa explica que “a representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele” (2008, p. 40), pois o homem dá sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a sua realidade social, histórica e cultural.

Partindo desse princípio, todos os aspectos voltados para a prática docente, tais

como: postura do docente, relação professor-aluno e organização escolar podem ser analisados, tendo como base o foco no contexto histórico-social apresentado pela obra. Destarte qualquer que seja a obra artística, ela sempre resultará de um tempo e de um lugar específicos, por meio da interação do homem estabelecida no convívio em sociedade.

Metodologia

Este artigo terá como foco o estudo da representação da relação professor-aluno no texto ficcional, tendo como metodologia a pesquisa bibliográfica, que segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 183): “[...] não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

Segundo Pesavento (2006), “o texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através dos fatos criados pela ficção”. Dessa forma, é preciso considerar o tempo em que cada obra foi produzida.

A interdisciplinaridade é outra estratégia metodológica utilizada neste trabalho. Para Japiassu, “a interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa” (1976, p.74). Logo, este trabalho coaduna contribuições da História, da Literatura e da Educação em torno do entendimento da dinâmica escolar em diferentes contextos históricos.

O desenvolvimento deste artigo se deu a partir de etapas. Na primeira etapa, selecionamos o conto “Conspiração” que traz em seu enredo questões educacionais, voltadas, principalmente para a relação professor-aluno. Nessa fase, fizemos a releitura e a análise crítica da obra literária escolhida, verificando em cada uma delas imagens significativas para o estudo do

contexto educacional do Brasil, sobretudo, as relacionadas às práticas pedagógicas.

Na segunda etapa, foi feito o levantamento bibliográfico sobre a História da Educação brasileira, considerando o contexto histórico-social do país no período em que a obra foi publicada.

Na terceira etapa, foi elaborado este artigo contendo o detalhamento do trabalho realizado bem como a apresentação dos resultados obtidos.

É válido ressaltar que, um estudo dessa natureza, também contribui com o fortalecimento do trabalho reflexivo do docente.

Resultados e Discussões

Para o desenvolvimento deste texto, fizemos uso das contribuições de estudiosos das áreas da Educação, da Literatura e da História, tendo em vista o nosso interesse em realizar, a partir do uso de fontes literárias, um estudo interdisciplinar acerca da educação, com foco na representação da relação professor-aluno.

Ribeiro salienta que a Literatura é uma instituição social viva, que deve ser entendida como um processo “histórico, político e filosófico; semiótico e linguístico; individual e social, a um só tempo. Sua realidade transcende o texto para assumir o discurso, que conta, minimamente, com as dimensões do enunciador, do enunciado e do enunciatário” (2000, p. 97).

Nesse sentido, o texto literário nos dará ferramentas relevantes para a pesquisa sobre teorias e práticas de ensino desenvolvidas ao longo do tempo. No que se refere à relação entre História e Literatura, recorreremos, principalmente, aos estudos de Paul Ricoeur, cuja obra *Tempo e narrativa* foi publicada pela primeira vez em 1894.

Nessa obra, o filósofo reflete que “a ficção é quase histórica, tanto quanto a história é quase fictícia” (Ricoeur, 1997, p.329). Para Ricoeur, a ficção é semelhante à História por abordar com acontecimentos

irreais/fictícios como se fossem fatos acontecidos no passado, por meio de uma voz narrativa. Já a História se aproxima da ficção, por relatar fatos reais, construídos por uma narrativa.

Sobre o encontro entre História e Literatura, o estudioso francês reforça que:

Por entrecruzamento da história e da ficção, entendemos a estrutura fundamental, tanto ontológica quanto epistemológica, em virtude da qual a história e a ficção só concretizam cada uma sua respectiva intencionalidade tomando empréstimos da intencionalidade da outra [...]. A concretização só é atingida na medida em que, por um lado, a história se serve, de algum modo, da ficção para refigurar o tempo e, por outro lado, a ficção se vale da história com o mesmo objetivo (1997, p. 316-7).

Nesse entrecruzamento, o texto literário lhe vale como porta de entrada às sensibilidades de outro tempo, justo como aquela fonte privilegiada que pode acessar elementos do passado que outros documentos não proporcionam (Pesavento, 2008, p. 113).

Ademais, a partir das contribuições de Ricoeur e Pesavento, observa-se que História e Literatura se fundem por meio do ato de ler.

No tocante à força da Literatura como peça significativa para compreensão de uma determinada realidade, Roland Barthes, por sua vez, explica ainda que toda obra literária está povoada por ciências, tendo em vista que o escritor emana seu potencial criativo das condições objetivas da sociedade na qual está inserido. Segundo o estudioso francês:

A literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá

um lugar indireto, e esse indireto é precioso (Barthes, 2000, p. 17).

É assim que a Literatura pode contribuir com os estudos sobre as práticas pedagógicas enquanto testemunho de um tempo e de múltiplas interações.

Dessa forma, as diversas interações propostas pela obra literária pode ser compreendida a partir das contribuições de Bakhtin que explica:

O viés dialógico que se constitui a partir das interações verbais e dos enunciados dos sujeitos revela a própria história social da comunidade de falantes, a partir dos seus valores, crenças e experiências concretas de linguagem que ultrapassam o domínio linguístico para se inscreverem no campo da reflexão estética inserida no contexto geral da cultura, porque o diálogo das linguagens não é somente o diálogo das forças sociais na estática de suas coexistências, mas é também o diálogo dos tempos, das épocas, dos dias, daquilo que morre, vive, nasce: aqui a coexistência e a evolução se fundem conjuntamente na unidade concreta e indissolúvel de uma diversidade contraditória e de linguagens diversas. (1998, p. 161).

No tocante aos estudos sobre a escola no Brasil, utilizaremos, principalmente, as pesquisas desenvolvidas por Dermeval Savianni, presentes no livro *História das ideias pedagógicas no Brasil*, no qual apresenta quatro períodos, a saber: O primeiro, apresenta as ideias pedagógicas entre 1549 e 1759, período em que ocorreu o monopólio da vertente religiosa da pedagogia tradicional. No segundo, são abordadas as ideias pedagógicas entre 1759 e 1932. Esse é o período caracterizado pela coexistência entre as vertentes religiosa e leiga da pedagogia tradicional. O terceiro período (1932 a 1969) focaliza o predomínio da pedagogia nova. No último, período que vai de 1969 a 2001, o autor aborda a concepção pedagógica produtivista.

No caso da pesquisa apresentada, o conto selecionado se enquadra no quarto período sistematizado por Savianni. Segundo o estudioso, a concepção produtivista permanece, desde o final da década de 60, até nossos dias como dominante no Brasil. Essa concepção tem como corolários a não duplicação de meios para fins idênticos e a busca do máximo de resultados com o mínimo de dispêndio.

Vale salientar que a partir da reforma instituída pela lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971, essa concepção produtivista pretendeu moldar todo o ensino brasileiro por meio da pedagogia tecnicista (Kuenzer e Machado, 1984) que, convertida em pedagogia oficial, foi utilizada pelo aparelho de Estado que procurou difundir-la e implementá-la em todas as escolas do país. Na medida em que se processava a abertura “lenta, gradual e segura” que desembocou na Nova República, as orientações pedagógicas das escolas foram sendo flexibilizadas mantendo-se, porém, como diretriz básica da política educacional, a tendência produtivista.

Após essas observações que caracterizam a fundamentação teórica deste artigo, é importante salientar que “Conspiração” é um conto que nos leva a refletir sobre a relação entre professor e aluno e o fazer docente em sala de aula, ao representar práticas ainda hoje presentes no contexto escolar.

O conto inicia apresentando um problema bastante comum na atualidade: o absentismo docente que, como se sabe, prejudica todo o funcionamento de uma instituição escolar.

Calgarotto e Pinheiro (2010, p. 174) defendem que o absentismo precisa ser encarado como algo muito além de uma mera ausência do trabalhador na empresa. Ele pode servir de indicador das relações de trabalho e auxiliar na identificação de outros problemas que interferem tanto no bom desempenho da empresa quanto nos aspectos que dizem respeito à saúde de seus colaboradores.

No conto, a personagem Dona Marta sempre substituía os professores que faltavam. Ela era professora de canto. O narrador-personagem, Francisco, é um garoto rico, provavelmente adolescente; participa das brincadeiras de sua classe; é criativo e rebelde. Seu comportamento é irreverente, imaturo e voltado para si mesmo. Francisco descreve a professora da seguinte forma:

Lecionava canto; a disciplina era considerada de importância secundária e além disso, suas aulas eram péssimas – mas, em compensação, ela estava sempre disponível. De manhã, de tarde, de noite. Morava no colégio, praticamente (Scliar, 2015, p. 85).

Dona Marta parecia ser uma pessoa solitária:

Quando chegávamos, pela manhã, já estava sentada na sala dos professores, sempre com aquele sorriso meio sofrido, meio idiota; e ficava na escola mesmo depois que saíam os últimos alunos do noturno. Esperava um irmão que vinha buscá-la; como ninguém nunca tinha visto esse irmão, circulava a história de que ela dormia no sótão do colégio. Que comia lá, era certo. Ao meio-dia ia para um banco no pátio, tirava de sua sacola um sanduíche e ficava mastigando melancólica (Scliar, 2015, p. 85).

Pela descrição do personagem é possível inferir que não há uma relação de afeto entre a professora e os alunos. Como se sabe a afetividade constitui um fator de grande importância no processo de desenvolvimento do indivíduo e na relação com o outro, pois é por meio dessa relação que professor e aluno interagem e constroem seu papel nesse processo de ensino-aprendizagem, compartilhando experiências, dificuldades e conquistas.

Na teoria de Henri Wallon, encontramos reflexões importantes no que diz respeito à dimensão afetiva do ser humano e como ela é significativa na construção do ser e do conhecimento. Para

esse estudioso, a afetividade e a inteligência são inseparáveis, uma vez que uma complementa a outra.

Segundo Mahoney (2005, p. 1), “O processo de ensino-aprendizagem só pode ser analisado como uma unidade, pois ensino e aprendizagem são faces de uma mesma moeda; nessa unidade, a relação interpessoal professor- aluno é um fator determinante”. Assim, a não satisfação das necessidades afetivas, cognitivas e motoras prejudica a ambos, e isso afeta diretamente o processo ensino-aprendizagem: - no aluno, pode gerar dificuldades de aprendizagem; - no professor, gera insatisfação, descompromisso, apatia, podendo chegar ao estresse (MAHONEY, 2005. p. 2).

Trabalhar com a perspectiva afetiva é, portanto, possibilitar o fortalecimento da tolerância e do respeito a si e ao próximo, que se configura como um desafio no conto publicado no século XX e que permanece forte nos dias atuais.

Dando prosseguimento à narrativa, certo dia, a professora de Português faltou e dona Marta foi chamada para substituí-la. Dona Marta explicou que naquele dia não daria aula de canto, pois estava rouca: “E anunciou que não nos faria cantar: estava rouca (coisa difícil de comprovar; sua voz tinha normalmente um timbre enrouquecido. O que era motivo de deboche: Goela Enferrujada, era seu apelido. Que ela ignorava, ou fingia ignorar)” (Scliar, 2015, p. 85).

O apelido dado à professora reforça a falta de afetividade. Para além disso, o desrespeito também é algo que se faz presente na descrição e atualmente caracteriza uma queixa bastante comum entre docentes que atuam em diferentes níveis e modalidades de ensino.

Prosseguindo, Dona Marta solicitou à turma que fizessem uma composição sobre qualquer tema e explicou que o autor do melhor texto ganharia um prêmio: “[...] tirou da bolsa um chocolate. Uma barra de chocolate ordinário, pequena. E aquela barra

ela segurou no ar pelo menos um minuto, sorrindo, feliz (Scliar, 2015, p. 86).

A turma menosprezou o prêmio apresentado pela professora: “O nosso era um colégio de filhos de gente rica. Chocolate, bombons, balas, tínhamos todo dia, a qualquer hora. Chocolate: Ouvi risinhos de mofa” (Scliar, 2015, p. 86).

Como se nota, mais uma vez a falta de respeito e afetividade caracterizam o contexto escolar descrito.

O narrador conta que como sabia que não seria escolhido para ler, escreveu o seguinte título: “Conspiração contra cegos”: “Eu tinha certeza de que não seria escolhido para ler. Nunca era escolhido para nada, e nem queria” (Scliar, 2015, p. 86).

Na redação, o jovem escreve sobre:

[...] um distante país, governado por uma casta de cegos: “[...] todos oprimindo cruelmente o povo. Que não podia se revoltar, e nem sequer conspirar: os ouvidos aguçadíssimos dos cegos captavam qualquer murmúrio de descontentamento. Mesmo assim, líderes resolutos conseguiram organizar uma conspiração, baseada só na palavra escrita. Livros eram publicados contra os cegos, revistas, jornais. Toda a articulação anticegos era feita por escrito. Finalmente a oligarquia era derrubada e um novo rei assumiu. Seus primeiros atos: destruir as impressoras, fechar os jornais e declarar ilegal a alfabetização (Scliar, 2015, p. 86).

Nessa descrição há vários aspectos que suscitam importantes reflexões acerca do relacionamento professor-aluno. O fato de nunca ser escolhido para nada já demonstra a falta de participação democrática na turma. Além disso, a redação apresenta uma metáfora do regime ditatorial que, na percepção do garoto, predomina na escola, sobretudo pela falta de liberdade de expressão. No entanto, com a queda do que chama de “oligarquia”, o que resta também é um ambiente de histildade no qual “as impressoras são destituídas, os jornais

fechados e a alfabetização se torna um ato ilegal (Scliar, 2015, p. 87).

Conforme Fleuri (1997), a prática pedagógica autoritária acaba gerando situações de conflito, prejudicando o relacionamento de professor e aluno. O primeiro faz da sala de aula um local onde tudo é estabelecido por ele e pelas normas da instituição, acatadas passiva e comodamente, vendo o aluno como um receptor de conhecimentos; neste caso não há espaço para discussão, nem momento para esclarecimento de dúvidas. É exatamente este ambiente hostil e opressor que é retratado no conto.

No entanto, conforme nos ensinou Paulo Freire: “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor” (Freire, 1972, 33.).

Por fim, a professora aponta Francisco Pedro para ler sua redação (narrador-personagem da história). Ele se surpreende e mente quanto ao seu nome, afirmando que se chama Oscar e mente também sobre o tema da redação: “Escrevi sobre um passeio no campo” (Scliar, 2015, p. 87).

O garoto descreve um passeio e conclui dizendo que “um passeio no campo nos ensinava a amar a natureza” (Scliar, 2015, p. 87).

Dona Marta sorriu e emocionada pediu para guardar o texto do jovem. Contudo ele se negou afinal o texto escrito era bem diferente do que fora apresentado: “A composição é minha – eu disse- e faço com ela o que quero. Esta aula era para ser de canto, não de português. A senhora não tem o direito de me exigir nada” (Scliar, 2015, p. 87).

A professora não considerou as palavras do aluno e insistiu em receber o texto. Foi então que Francisco pegou a folha e rasgou.

A professora chorou com a atitude do rapaz: “Não disse nada, mas todos podiam ver as lágrimas correndo pelo rosto. O que me surpreendeu eu não sabia, naquela época

que os cegos podem chorar. (Scliar, 2015, p. 88).

Assim, no desfecho do conto, observa-se que o personagem, pela primeira vez, viu a professora a partir de um olhar mais afetivo

Como se nota, o conto descreve uma situação de sala de aula marcada pelo desrespeito e pela falta de alteridade entre professor-aluno. O aluno se sente a todo instante preso e censurado e a professora também não tem seu trabalho valorizado e respeitado. Dessa maneira, a afetividade e as emoções estão bastante abaladas o que, indubitavelmente, influencia no processo ensino-aprendizagem e até mesmo na saúde mental dos atores do contexto escolar.

Segundo Calligaris (2000), “Nossos adolescentes e jovens amam, estudam, brigam. Batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam.” Cabe à escola então, despertar o interesse e os sonhos desses jovens, do contrário só poderá constatar que todo espaço é desinteressante para quem parar de sonhar.

Ademais, esse conto nos leva a refletir sobre a importância de trabalharmos em sala de aula valores como: respeito, compreensão, compaixão e afetividade para o desenvolvimento efetivo do processo de ensino-aprendizagem.

Considerações finais

Em toda atividade que envolve aprendizagem humana, a interação social e a afetividade tem fundamental importância. Na escola, pode-se dizer que a interação, afeto e respeito entre professor-aluno é fundamental para que ocorra o sucesso no processo ensino aprendizagem. Paulo Freire, em seus estudos, destaca constantemente valorização do diálogo como importante instrumento na formação dos sujeitos. Segundo ele, só é possível uma prática educativa dialógica por parte dos educadores, se estes acreditarem no diálogo como um fenômeno humano capaz de mobilizar o refletir e o agir dos homens e

mulheres. E para entender melhor essa prática dialógica, Freire acrescenta que

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (Freire, 2005, p. 91).

Dessa forma, quanto mais o professor compreender a dimensão do diálogo como ferramenta indispensável em suas aulas, melhores serão os resultados alcançados, pois desse modo, se sentirão mais incentivados e capazes para transformarem a realidade. Nessa perspectiva, o professor não é visto como um mero transmissor de conhecimentos, mas como um mediador, como um profissional capaz de mobilizar as experiências dos alunos com o mundo, levando-os a refletir sobre seu contexto histórico, social e cultural, assumindo um papel mais humanizador em sua prática docente.

Proporcionar uma prática escolar, considerando essas vertentes, é indubitavelmente, compreender o aluno como um sujeito em constante construção e transformação que, a partir das interações, será capaz de agir e intervir no mundo, atribuindo novos significados para a história da humanidade e para a sua própria história. Conforme Freire:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (1996, p. 146).

Vale ressaltar que a abordagem deste artigo promove ainda uma discussão importante sobre a relação Literatura e História, uma vez que é focando a obra literária que a escola e os seus processos foram analisados. É importante ressaltar que atualmente a História tem utilizado bastante a Literatura como fonte de estudo para diversos aspectos sociais e culturais presentes na sociedade de diferentes tempos e espaços.

Dessa maneira a Literatura pode fornecer um valioso material de estudo sobre as problematizações que envolvem a didática e o ensino ao longo do tempo.

No tocante à relação entre professor-aluno, é válido lembrar que:

[...] professor autoritário, o competente, o sério, o incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca (Freire, 1996, p.73).

Assim, independente de qual seja o modo de ser do professor, todos deixam uma marca na vida de todos os seus alunos, seja ela de forma positiva ou não.

Pode-se afirmar que o desfecho do conto mostra uma mudança na mentalidade do jovem estudante, pois Dona Marta chora e sofre com o embate, e, pela primeira vez, o narrador-personagem se dá conta de que ela tem sentimentos. É dessa forma que a frieza e o desprezo dão lugar à compaixão.

Referências

ANDRADE, Francisco Ari de; SILVA, Fernanda Maria Diniz da. A obra literária como fonte na pesquisa educacional: um estudo sobre a educação brasileira na segunda metade do século XIX. **Research, Society and Development**, v. 10, p. e57810817613-13, 2021.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo, Martins Fontes, 2010.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2000.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. Goiás: **Revista de Teoria da História**, Ano 1, n. 3, junho/ 2010.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CALGAROTTO, R.; PINHEIRO, L. R. S. Empresa, colaboradores e ausência: um relato de experiência sobre o absenteísmo nas relações de trabalho. **Perspectiva**, Erechim, v. 34, nº 128, p. 167-175, dez. 2010.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 2000 (1959).

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Ouro sobre azul, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

FLEURI, R. M. **Educar para que?** Contra o autoritarismo da relação pedagógica na Escola. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas 2003.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. **Afetividade e Processo de Ensino-Aprendizagem**: contribuições de Henri Wallon. São Paulo, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **História da Educação**. Pelotas, p. 31-45. 01 set. 2003.

REIS, Carlos. **O discurso ideológico do neorrealismo português**. Coimbra: Almedina, 1983.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. A intriga e a narrativa histórica. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira**: a organização escolar. 16 ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 2008.

SILVA, Fernanda Maria Diniz Da. A obra literária como fonte de estudo para a história da educação. **Anais VI CONEDU**. Campina

Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/58652>>. Acesso em: 17/10/2023 13:09

SCHWARZ, R. Adequação nacional e originalidade crítica. In: **Sequências brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 3. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.